



JORNAL

CINECLUBE

ENTRE SABERES

NÃO VÁ PERDER, HEIN?

por Amanda Chaves Pinheiro

Ei, você aí? Como vai?

Posso te fazer uma pergunta? Você me permite?

Qual o último momento de reflexão que você se permitiu ter? Há espaços de tempo na sua vida para sonhar? O que a vida te chama a fazer?

Eu daqui tenho uma paixão. Minha paixão, entre outras, é pelo cinema.

Quando as luzes se apagam me permito viver em universos paralelos; imaginando outros destinos, caminhos e trajetórias. Tudo é possível; nada é menos importante! O que define o fato são as escolhas pelas quais busco determinado filme.

Há também questões econômicas, de acesso ao capital cultural, de tempo, prioridades e outras tantas problematizações que poderíamos refletir sobre a relação entre arte e o sistema capitalista; a nossa economia.

Neste sentido, realizamos o projeto "Cineclube entre saberes". Com o intuito de permitir democratizar o acesso ao cinema e produzir reflexões infinitas naquelas que se juntam a nós.

Historicamente, os cineclubes se vinculam a uma concepção democrática de organizar a relação do público com a obra cinematográfica, como um espaço do novo, sob a perspectiva da resistência e da democracia, reafirmando o princípio de acessos aos direitos.

Especificamente, O "Cineclube entre saberes" é um projeto acadêmico do IF Sudeste MG - Campus de Juiz de Fora realizado durante os anos de 2011 e 2012, em que se buscou utilizar a análise de filmes para discutir conteúdos temáticos de Sociologia. Tivemos nossa segunda e terceira edição nos anos de 2016 e posteriormente, em 2017. A partir de uma filmografia tivemos a oportunidade de nos aproximarmos da comunidade escolar.

Tudo muito especial; como só o cinema é capaz de produzir. É importante observar que também oferecemos um *coffee break*, regado a um bom dedo de prosa; assim, podemos conversar entre nós, sem tanta pressa.

Estamos de volta!

Contamos agora com uma turma muito especial do Segundo Informática e o grupo chamado de "Mary Jane" (em alusão ao filme: "Homem Aranha!"). Neste sentido, gostaríamos de te convidar a participar conosco do nosso primeiro filme de 2019: **"Pantera Negra"**, que será **dia 24 de maio, às 13h30, no auditório do bloco A.**

Participe conosco!

RESENHA

por Laura Silva Vieira

O filme mais cultural de todo o universo Marvel choca pela literalmente bela adaptação dos quadrinhos e construção impecável de um outro universo.

Pantera Negra começa com a contextualização da criação e junção de cinco tribos africanas, que deu origem à Wakanda, o coração da África, um lugar com tecnologias avançadas e inexistentes no resto do mundo, por isso, seus governantes estão em constante preocupação em esconder e preservar essa parte gloriosa desse continente tão subjulgado pelos demais.

O filme se inicia mesmo com um gatilho puxado em "Capitão América: Guerra Civil", quando o atual rei de Wakanda, T'Chaka, morre, deixando o trono e a posição como Pantera para seu filho T'Challa (Chadwick Boseman), que agora tem a responsabilidade de proteger Wakanda dos olhos do mundo. O filme começa a chamar atenção pelos detalhes desde o início, dando vida aos rituais, no caso, a coroação, da forma mais africana possível. Os trajes, a música, a paisagem. O filme dança e se esbanja em harmonia, perfeição e beleza, dando ênfase a uma das coisas mais bonitas da África: ACULTURA.

T'Challa começa tendo que lutar contra um vilão americano que rouba seu vibranium, que é o metal responsável por toda a tecnologia de Wakanda, mas logo em seguida seu foco é transferido para o vilão principal, que os leitores dos quadrinhos já conhecem: Erik Killmonger, interpretado por ninguém mais, ninguém menos que Michael B. Jordan. O vilão carrega com si uma responsabilidade muito maior do que a de ser apenas um simples vilão: ele representa todo um rancor e remorso por todos os milhares de anos de escravidão, segregação e preconceito. Um vilão que pode ser entendido e até humanizado como o fruto da sociedade, que apresenta uma visão radical e contrária à de T'Challa, e nos proporciona grandes embates.

Mas o herói não está sozinho nessa luta, ele conta com maravilhosas guerreiras que o ajudarão em todo o percurso e ainda com alguns que não contávamos de início, mas já dizem que a ajuda às vezes vem, de onde menos se espera. Com sua mãe, a rainha Ramonda (interpretada pela brilhante Angela Bassett) que sempre o auxilia, mesmo tendo a consciência de que ele é o rei e ela já não pode mais controlá-lo; com sua irmã Shuri (Letitia Wright), que é o gênio por trás das tecnologias inovadoras de Wakanda e que junto (ou separadamente) ao irmão, promove cenas divertidíssimas durante o filme. Como se não bastasse o apoio familiar, T'Challa recebe ajuda e apoio da sua ex (ou nem tão ex assim) Nakia (Lupita Nyong'o), que se destaca como uma mulher forte e independente, que não está exatamente sempre à disposição do herói, mesmo este sendo também rei. Não poderíamos deixar de destacar o exército composto por mulheres e comandado pela maravilhosa Okoye (Danai Gurira), que lutou bravamente ao lado das Dora Milaje.

Um filme que foi indicado a uma sucessão de prêmios, e prêmios muito bem ganhos, segue uma coerência, quando se é nítido ao espectador a riqueza de detalhes e o carinho com que tudo foi feito. O diretor Ryan Coogler e toda equipe (muito bem formada, por sinal) trabalharam com consciência e responsabilidade as vertentes do tema, e fizeram um trabalho verdadeiramente impecável quando se trata da direção de artes (pausa para a exaltação e parabenização a Hannah Beachler: a primeira mulher negra a ser indicada ao Oscar e a ganhar na categoria de Melhor Design de Produção). A fotografia é encantadora e o respeito com o continente africano, até mesmo na criação de Wakanda, é admirável.

Tudo isso sem deixar de ser um filme Marvel, contendo ação, o humor típico e sendo o mais fidedigno possível aos quadrinhos. "Pantera Negra" segue sendo um filme de super-herói, mas que carrega consigo uma grande bagagem cultural.



ASCENSÃO DE UM NOVO MUNDO

por Náthaly D'Almada do Espírito Santo

Como sabemos, nós fomos inseridos em uma sociedade onde já havia acontecido a escravidão e a exploração de um povo que raramente tem sua história de sobrevivência, resistência, cultura e principalmente o que o filme retrata: ascensão, contada de maneira que eles fossem os protagonistas da mesma. Infelizmente temos enraizado que personagens negros e filmes com negros ou de negros sempre tratarão sobre racismo, pobreza e dificuldade.

"Pantera Negra", além de trazer a representação de um animal conhecido por nós como resistente e feroz, vem repleto de referências políticas atuais e desconstruções, sendo mais uma inovação do afrofuturismo e surpreendendo com sua outra vertente do povo negro, povo este que nossa sociedade resolveu simplesmente ignorar. Onde é, sim, retratado o racismo, o sofrimento e tudo que você sempre ouviu, seja estudando história ou até mesmo assistindo ou lendo grandes títulos da história negra, mas procurando sempre o resgate da ancestralidade, retratando perfeitamente as riquezas e particularidades étnicas, culturais e religiosas que compõem a África.

Fazendo ligações históricas, o reino fictício de Wakanda é uma pequena utopia que representa as potencialidades de todos os países africanos por conta de seus recursos naturais, além do fato de sempre serem menosprezados e considerados incógnitos de mostrar sua inteligência para o mundo, governar e principalmente ter poder sobre suas terras e riquezas.

Caminhando para o fim, puxo um gancho bem importante: a execução perfeita de como o povo negro é diverso e não só construído pelas mesmas vivências em sua totalidade, e sim nas pequenas diferenças da composição.

No filme, temos o claro exemplo na relação existente entre as personalidades de T'Challa e Killmonger. Onde, já de início, temos a imagem muito forte de T'Challa, que tenta resolver os problemas do povo com muito diálogo, paz e justiça (sim, referência a Martin Luther King), e a de Killmonger, outro homem negro que busca poder e é visto por muitos como o vilão, mas que vem munido com as reais vivências de como é ser negro fora da "perfeição" de Wakanda, tendo como solução a única forma a qual foi ensinado, para principalmente se defender, atos de rebelião e violência.

Esse é, com certeza, um dos caminhos para compreender que pessoas negras são seres pensantes diferentes, com gostos diferentes e principalmente produtores de diferentes ações que nem sempre irão querer falar sobre racismo e que, ainda assim, não deixaram de buscar suas origens ou honrar seus antepassados.

WAKANDA PARA O MUNDO: Tecnologia e Ancestralidade em Harmonia

por Nicolas Soares Martins

SPOILER ALERT

"Pantera Negra", sem sombra de dúvidas, foi a obra cinematográfica do universo Marvel Comics mais rica culturalmente.

O que me chamou muita atenção, e até foi satirizado por Shuri, uma das personagens, é o quão detalhados e meticulosamente executados são os rituais. A cerimônia de coroação é marcada pela presença de todas as tribos com seus devidos representantes, em que cada tribo detém o direito de desafiar ou não o herdeiro do trono a um duelo com o seu guerreiro escolhido, tendo o vencedor o direito ao trono de rei ou rainha de Wakanda.

Os trajes e vestimentas participaram imensamente na imersão, até mesmo um leigo no assunto consegue ver a clara distinção hierárquica e entre as tribos, que possuíam, além de tudo isso, cores, modos e estilos de roupas diferentes.

T'Challa, nosso herói e protagonista do filme, não enfrenta somente um momento de transição de reinado qualquer. Ele teve de enfrentar os fantasmas não só de seu passado, mas de toda Wakanda. O remorso de não proteger o pai, os erros cometidos por seu pai e as consequências dos mesmos, a posição de Wakanda para o mundo, todos esses conflitos desencadearam uma tempestade de eventos sobre este "pequeno país de terceiro mundo".

Erik Killmonger, ou em seu nome de nascimento N'Jadaka, é consequência direta de um dos erros de T'Chaka, se não o maior deles. Cresceu no país mais segregacionista do mundo, presenciando toda a violência nas periferias e contra o seu povo, sem um modelo para se espelhar, pois aquele que servia como tal modelo foi assassinado pelo seu tio, que o abandonou naquele país.

Erik trilhou uma vida visando somente um único objetivo: vingar o seu povo. Conquistar os conquistadores. Ele estava ciente de que Wakanda tinha os recursos para isso, com sua tecnologia altamente avançada baseada em *vibranium*. Isso, mais o fato de que seu pai foi assassinado pelo rei, apenas alimentou o ódio de Erik por Wakanda, que negligenciava toda a humilhação e desrespeito sofrido pelo povo negro ao redor do globo, na visão de Killmonger. Toda essa bola de neve uma vez teria que ser enfrentada, confronto esse que nosso herói deverá encarar em sua jornada, e se sobressair.

Erik, apesar de sua derrota, deixou uma lição a Wakanda, uma lição de que não podem mais fugir e se esconder da realidade do mundo. Agora, sob o governo de T'Challa, Wakanda faz sua estréia no mundo globalizado, mostrando que o "pequeno país de terceiro mundo" é um gigante ancestral, onde a cultura tem um casamento com a tecnologia sem que sua identidade seja perdida.

Mas, apesar de toda a perfeição do filme, me vem a seguinte indagação que provavelmente será esclarecida em "Black Panther 2": T'Challa é o último Pantera Negra?

Ora, Killmonger queimou a plantação de Erva Coração, a única erva salva foi aquela utilizada na salvação de T'Challa, para torná-lo novamente Pantera Negra. Creio que a explicação para isso não será um *ex-nihilo* ou, para nossa surpresa, a história narrada é sobre o último Pantera.

Seja o que for, tenho grandes expectativas para a sequência dessa obra-prima!

INDICAÇÕES PERIGOSAS

por Ary Dias Dória e Maria Luisa Riolino Guimarães

Aproveitando a discussão iniciada com "Pantera Negra", deixamos aqui mais algumas indicações que podem te levar a infinitas reflexões!



MARIGHELLA
Wagner Moura, 2019

FILMES

Kiriku e a Feiticeira
Michel Ocelot, 1998
Cidade de Deus
Fernando Meirelles, 2002
Ó Pal, Ó
Monique Gardenberg, 2007
Invictus
Clint Eastwood, 2009
Selma: Uma Luta pela Igualdade
Ava DuVernay, 2015
Feras Sem Pátria
Cary Fukunaga, 2015
Estradas Além do Tempo
Theodore Melfi, 2016
Moonlight: Sob a Luz do Luar
Barry Jenkins, 2017
O Menino que Descobriu o Vento
Chiwetel Ejiofor, 2019
A Gente se vê Ontem
Stefan Bristol, 2019



QUARTO DE DESPEJO: Diário de uma favelada
Carolina Maria de Jesus

LIVROS

Na Minha Pele
Lázaro Ramos
Um Defeito de Cor
Ana Maria Gonçalves
Quem tem Medo do Feminismo Negro?
Jamila Ribeiro
Heroínas Negras em Cordéis
Janid Arraes
Laços de Sangue
Octavia Butler
A Cor Púrpura
Alice Walker
Mulheres, Raça e Classe
Angola Davis
Para educar crianças feministas
Chimamanda Ngozi Adichie
A Confissão da Leoa
Mia Couto
O Caminho de Casa
Yaa Gyasi

MÚSICAS

NEGRO DRAMA
Racionais MC's
MEU EBANO
Alcione
OLHOS COLORIDOS
Sandra de Sá
BENÇA
Djonga
ZÉ DO CAROÇO
Leci Brandão
NEGRO É LINDO
Jorge Ben Jor
GUETO AO LUXO
Karol Conka
SORRISO NEGRO
Dona Ivone Lara
CARNE
Elza Soares
YASUKE (BENDITO, LOUVADO SEJA)
Emicida
HISTÓRIAS PARA NINAR GENTE GRANDE
G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira